

Movimento Setentrião

Elísio Amaral Neves



Cadernos Culturais
Câmara Municipal de Vila Real



Câmara Municipal
Presidente
Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos
Vereadora da Cultura
Eugénia Margarida Coutinho da Silva Almeida

Grémio Literário Vila-Realense
Responsável
António Manuel Pires Cabral

Título: *Movimento Setentrão*

Autor: Elísio Amaral Neves

2.^a Edição revista e aumentada [1.^a Edição, Fevereiro de 2009]

Na capa: Coordenadores da Revista *Setentrão* (n.º 2-3), Julho de 1962

(Da esquerda para a direita, António Cabral, Carlos Loures, Eduardo Guerra Carneiro e Ascenso Gomes)

Caderno Cultural n.º 18, IV Série

Edição: Grémio Literário Vila-Realense • **Câmara Municipal de Vila Real**

gremio.cm-vilareal.pt • cm-vilareal.pt

Vila Real, 21 de Março de 2017

Tiragem: 300 exemplares

Mantêve-se a ortografia original dos textos, salvo em casos de lapso ou gralha evidentes

A edição deste livro, no que respeita à obtenção dos textos, não teria sido possível sem a colaboração das seguintes pessoas e instituições, às quais deixamos aqui o nosso reconhecimento:

A. M. Pires Cabral, António Barreto, Arquivo Distrital de Vila Real, Biblioteca Municipal Dr. Júlio Teixeira, Carlos Loures, Eurico Figueiredo, Herdeiros de António Cabral, José Dias Baptista, José Vasconcelos Viana

Depósito Legal: 420520/17

Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tipografia, Lda. – Vila Real

Movimento Setentrião

Elísio Amaral Neves

Cadernos Culturais
Câmara Municipal de Vila Real



Em 8 de Setembro de 1962, numa entrevista ao *Diário Ilustrado*, António Cabral refere que a Revista *Setentrião*, de que já tinham saído três números, era uma publicação de gente nova resultante de «um bate-papo à mesa de um café de Vila Real», onde se reuniam entre outros, e para além dele próprio, Eurico Figueiredo, José Vasconcelos Viana, Nuno Barreto e Eduardo Guerra Carneiro. Tratava-se de uma tertúlia informal surgida três ou quatro anos antes, onde as questões da cultura trasmontano-duriense eram recorrentemente debatidas.

Dada a distância (física e intelectual) a que Vila Real ficava dos principais centros culturais do país, António Cabral reconhecia que Trás-os-Montes vivia «num claro abandono e consequente alheamento daquelas realizações culturais que, nada havendo a pôr-lhes termo, continuarão a ser uma causa de mediocridade, quer no que se refere ao contacto com as linhas mestras da cultura contemporânea, quer no que se refere a iniciativas locais, sempre necessárias e a única prova real de valor». Descontente com este estado de coisas, aquele grupo entendia que havia que fazer algo pela região e com isso consciencializar os trasmontanos e alto-durienses para as suas potencialidades culturais.

Hoje, conhecido o percurso dos diferentes intervenientes, podemos dizer com pouca margem de erro que a entrevista mais não é do que o enumerar das razões do envolvimento de António Cabral, que, nas palavras de António Barreto, para além «do veterano era, em certo sentido, o mentor do grupo».

O Movimento Setentrião (e “Movimento” é expressão sempre presente, dado que os seus elementos nunca se acomodaram à simples publicação de uma revista) deveu-se a diferentes factores

e circunstâncias e, no que respeita às preocupações expressas por António Cabral, teve um antecedente próximo incontornável.

Em 21 de Abril de 1957, iniciou-se a publicação do “Miradouro das Letras”, um suplemento literário do jornal *Ordem Nova* (que, embora afecto à União Nacional, e por essa razão obrigado a conservar uma postura marcadamente política, manteve desde o seu início – talvez porque dirigido à época por um homem de cultura, Júlio Teixeira, historiador e genealogista – um razoável espaço de cultura).

Na apresentação do referido suplemento, José Gonçalves de Oliveira, funcionário dos Correios, responsável pela contabilidade da Minerva Transmontana e simultaneamente poeta que publicava com grande regularidade no jornal, e que com António Cabral partilhava por essa altura a responsabilidade do suplemento, refere que a ideia havia surgido de um soneto, “O Mar e as Águias”, que dedicara a António Cabral a pretexto do livro homónimo deste, e de duas cartas abertas trocadas entre ambos.

Gonçalves de Oliveira recordava dessa maneira a importância da carta que António Cabral lhe dirigira no aparecimento deste suplemento literário. Escrevera António Cabral: «Nos últimos anos houve por aqui uns razoáveis bafejos literários, aquando da entrada em cena dos Jogos Florais que o Clube de Vila Real num gesto que muito o prestigia, em boa hora organizou. Uma autêntica injeção de cultura! [...] a tentativa mais séria de saneamento no que respeita às coisas das letras.» E, um pouco antes: «E não lhe parece que é tempo de se abrirem bem os olhos para a Literatura como alguém em boa hora, os quer fazer abrir para a Música por meio da Pró-Arte?» (referência à iniciativa nacional dirigida por Ivo Cruz que, no que respeita a Vila Real, iniciou as suas actividades em 1953, ano em que tiveram igualmente lugar os primeiros jogos florais organizados pelo Clube de Vila Real). Rematando, deixava

uma «pergunta indiscreta»: «Porque se não arranja em Vila Real, na capital de Trás-os-Montes, já não digo um jornal de letras, mas ao menos uma pàginazinha literária num dos três semanários de que se pode orgulhar?»

O suplemento, de periodicidade irregular, que se abria a todas as correntes literárias e mais tarde integrou a rede “Convívio” de Afonso Cautela, publicou 51 números entre 21 de Abril de 1957 e 13 de Março de 1960 e nele vemos colaborar alguns dos nomes mais tarde envolvidos no projecto Setentrião. Assim, para além dos dois coordenadores e de referências ao trabalho de Rebelo Bonito, que também vamos encontrar na revista, deram colaboração Nélson Vilela, José Dias Baptista, Alberto Miranda, Dinis Chaves, João de Araújo Correia, Casimiro de Brito, Ângelo Minhava, Joaquim Barros Ferreira, M. Granjo de Matos e Nuno Barreto.

Como se disse, o Movimento resultou não de uma, mas de várias circunstâncias, as já referidas por António Cabral e outras que o percurso de cada um dos principais protagonistas permite facilmente identificar.

António Barreto, delegado da revista em Coimbra e à época aluno de Direito, recorda que os encontros ganhavam uma dimensão especial nas férias. «Queríamos estudar melhor a região, desejávamos levar a voz de Trás-os-Montes aos círculos intelectuais e jornalísticos nacionais. Lutávamos para romper o círculo de silêncio e de rotina que se vivia em Vila Real. Sufocávamos, mas lutávamos contra isso.»¹

Nas tertúlias mais ou menos intelectuais que tinham lugar na esplanada e também no interior da Pastelaria Gomes, na casa de Ascenso Gomes, numa sala por baixo da Casa de Saúde de Vila

¹ Transcreve-se em anexo texto integral de António Barreto, publicado em CD-Rom em 2006.

Real, clínica do pai de Eurico Figueiredo, no Café Toca da Raposa, prossegue António Barreto, «projectávamos revistas e outras produções, [...] dizíamos poemas, escrevíamos textos parecidos com os “cadavre-exquis” dos surrealistas, bebíamos, desafiávamos as raparigas da cidade...»

Nuno Barreto, delegado da revista no Porto e aluno de Belas-Artes (inicialmente, por equívoco, de Economia), era o artista do grupo e a ele se ficou a dever a sugestão do nome Setentrião, posteriormente submetida a escrutínio e aprovada.

Vasconcelos Viana², coordenador da revista em Lisboa e aluno de Direito, era o homem do teatro, que se havia destacado na Festa da Academia de 1958, e ao teatro ficaria para sempre ligado, já que partilhou a sua vida profissional na TAP com a de actor profissional, pertencendo, entre outras, às companhias Teatro Aberto, Maria Matos, Ad Hoc.

Eurico Figueiredo, aluno de Medicina em Lisboa, é um caso à parte. As suas motivações eram as mesmas dos outros mas também, ou sobretudo, a política. Como alguns dos outros, também ele investiu individualmente no projecto. Militante do Partido Comunista Português, reconheceu haver no Movimento também espaço para a política e, como admite hoje, foi este o factor determinante da sua adesão. Em sua opinião, o grupo incluía gente de esquerda que ouvia música, lia Torga, Lorca, discutia pintura e filosofia. Formara-se um grupo a que não faltou quem associasse motivações de natureza esotérica, droga e homossexualidade. Inteligentes, souberam tirar partido das insinuações e divertiram-se muito com elas.

² Transcreve-se em anexo texto publicado na Revista *Tellus*, Junho de 2016, «escrito expressamente para ser inserido numa edição fac-similada dos *Poemas Durienses* que está prevista, mas ainda não foi possível concretizar».

Eurico Figueiredo, no primeiro número da Revista *Setentrião*, assumiria a responsabilidade pelo programa do Movimento. Num oportuníssimo artigo a que deu o título “Sobre a necessidade de núcleos culturais activos na Província”³, enumera todo um conjunto de acções que entendia dever ser levado a cabo pelas elites universitárias, a quem competiria a responsabilidade por «[...] um desenvolvimento sem desvirtuar as características regionais de raiz popular [...] melhorar o nível intelectual do nosso povo [...] acelerar a campanha de melhoria das condições económicas e de saúde existentes no nosso país.» Estavam lançadas as bases de um trabalho político. Mas este trabalho em Vila Real teria de ficar para outros, já que as greves e luto académico de 1962 lhe tomaram todo o tempo a partir de Março desse mesmo ano. Presidente da Pró-Associação de Medicina e membro do Conselho Académico da Universidade Clássica de Lisboa, Eurico Figueiredo, orador notável e estratégia nato, vai à luta com outros companheiros e dirige uma das mais importantes movimentações académicas de sempre, com as consequências naturais à época de ter sido agredido e finalmente preso – curiosamente no Café Gelo, em Lisboa, de onde sairia também o único intelectual do Movimento Setentrião estranho a Vila Real, Carlos Loures. De Lisboa chegam a Vila Real notícias da sua libertação, bem como da detenção em Coimbra, em data posterior, de António Barreto, e, em plenas férias de Verão, ambos estão de novo nesta cidade, onde são recebidos na esplanada da Pastelaria Gomes pelos companheiros de tertúlia, que fizeram uma pausa nas suas preocupações culturais para os ouvirem sobre os acontecimentos em Lisboa e Coimbra.

Ascenso Gomes, antigo aluno de Medicina em Lisboa e melómano, era já à época explicador de Matemática na sua casa da

3 Transcreve-se em anexo texto integral do artigo.

Rua Camilo Castelo Branco, n.º 18, e por essa razão um daqueles em quem era reconhecida experiência de vida. Mantendo relações privilegiadas com Carlos Loures, acompanhará muito de perto, como coordenador, a edição do n.º 2-3 da revista, de que será também autor da capa. Era também um dos elementos que melhor sabiam tirar partido do lado lúdico da tertúlia – a conversa, o convívio, os passeios, os lanches quase diários e para os quais não eram necessários especiais pretextos intelectuais. E é por este lado que virão alguns que, sendo ou não intelectuais, tiveram igualmente papel relevante na coesão do Movimento e asseguraram o melhor do companheirismo: Jorge Rocha, Pompeu Delfim Cramez, Eugénio Costa Lobo, Raul Branco (também ele preso durante as lutas académicas em Coimbra de 1962), Manuel Areias, Francisco Lebres, entre outros. Todos eles antigos alunos do Liceu Nacional Camilo Castelo Branco e alguns deles (Pompeu Cramez, Raul Branco, Ascenso Gomes) participantes no lançamento da mais antiga “confraria gastronómica” do país, “De Pyjames”, fundada em 1956.

Eduardo Guerra Carneiro, um jovem muito talentoso, jornalista e futuro escritor (autor de mais de uma dezena de obras, entre as quais *Isto Anda Tudo Ligado*), frequentava os últimos anos do Liceu. Era, como se diz hoje, hiperactivo e por isso tinha participação constante nas iniciativas culturais que iam acontecendo em Vila Real, que, nessa época – e recorro ao testemunho de um dos mais jovens escritores do Movimento, José Dias Baptista⁴, antigo seminarista a quem António Cabral dedicava grande amizade e frequentador também ele da tertúlia da Pastelaria Gomes (lembramos que a Pastelaria Gomes abriu em 1952, a Cervejaria que a complementou em 1957 e o Café Toca da Raposa, para onde se deslocavam muitas

⁴ Transcreve-se em anexo carta de José Dias Baptista dirigida a A. M. Pires Cabral e Elísio Amaral Neves em 2014.

vezes à noite, em 1960) – «era então muito mais do que qualquer outra cidade ou vila trasmontano-duriense, um pólo de cultura invulgarmente dinâmico». E que, no espaço de «diálogo, troca de experiências e socialização», a tertúlia tornara-se notada e deixara obra.

Eduardo Guerra Carneiro participaria em 1962 nos Prémios Literários do Clube de Vila Real (iniciativa que se sucedeu aos Jogos Florais organizados por esta mesma instituição), onde seria distinguido, à semelhança de outros colaboradores da revista, como Edgar Carneiro, Ângelo do Carmo Minhava e Carlos Alberto da Silva Coutinho. Refira-se que foi conferencista, no acto de distribuição dos prémios, Porfírio Augusto Rebelo Bonito e que participaram na comissão coordenadora e/ou nos diferentes júris Alberto Miranda, António Cabral, José Aguilar (que também assina José de Aguilar), Domingos Monteiro e José Gonçalinho de Oliveira. Eduardo Guerra Carneiro foi ainda responsável, com Maria Jorge Vilar, António Tavares Teles e José Vasconcelos Viana, pela “Página de Jovens”⁵, que se publicava no jornal *A Voz de Trás-os-Montes*, em 1959, grupo que – à semelhança do “Clube do Gancho”, uma outra associação vila-realense fundada nesse mesmo ano, que reunia pessoas que frequentavam na sua grande maioria a Pastelaria Rosas, à volta de um projecto cultural e recreativo, cheio de ideias avançadas e um certo toque político – surge como corolário de uma eleição presidencial, em que o candidato da oposição, Humberto Delgado, deixou marca profunda. Sobre o “Clube do Gancho”, diremos ainda que teve como presidente Alberto Botelho, filho do mandatário concelhio da candidatura de Humberto Delgado (em que participaram activamente, para além de conhecidos antifascistas, diversos estudantes ligados às actividades culturais da cidade, como Maria Jorge Vilar, António Tavares Teles, Pompeu Cramez, Jorge Rocha,

5 Transcreve-se em anexo artigo publicado por Eduardo Guerra Carneiro no n.º 1 da “Página de Jovens”.

Eurico Figueiredo, Alberto Botelho) e reuniu aproximadamente 90 associados, entre eles alguns dos participantes no Movimento Setentrião, como Raul Branco, Pompeu Cramez e Alberto Miranda, e colaboradores como António Cabral (que sabemos ser o responsável pelo suplemento cultural “Mercúrio” do Jornal *O Gancho* – de que saíram três ou quatro números –, sob o pseudónimo de Acab).

José Gonçalves de Oliveira, a quem Carlos Loures diz ter sido confiada a responsabilidade de arquivista do grupo, dado ser uma pessoa extremamente metódica, teve uma presença discreta, já que era «o único que tinha filhos para criar». Ascenso Gomes lembra-o também como responsável por algumas deslocações a Lamego, às Caves da Raposeira, pois Gonçalves de Oliveira era o representante local dessa marca de espumantes, assim como das Caves Aliança e do Licor de Singeverga.

De fora, veio, como já se disse, Carlos Loures, um escritor surrealista da tertúlia do Café Gelo e também interessado em pintura e teatro. Veio para Vila Real como responsável pela Biblioteca Itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian, que aqui se instalou no início de 1962⁶. António Cabral, que o conhecia da Revista *Pirâmide*, confia-lhe a responsabilidade de coordenador do n.º 2-3 da revista e também de organizar uma antologia de poesia trasmontana e alto-duriense, trabalho este que foi em grande parte realizado até Julho de 1962, altura em se ausentou de Vila Real com uma festa de despedida que incluiu um lanche ajantarado em que participaram grande parte dos seus amigos vila-realenses, seguido de, para alguns, um passeio com passagem pelas minas de ouro de Jales. Foi também animador de diversos projectos culturais que permitiram projectar o Movimento pelo menos até 1970.

⁶ Transcreve-se em anexo *post* inserido por Carlos Loures no blog *Aventar*, em 2010.

Falta referir, como uma das principais figuras do Movimento, António Cabral, sacerdote, a quem era dirigida toda a correspondência destinada ao Movimento, para o apartado 205, e responsável pela gestão da Minerva Transmontana, onde foram publicadas praticamente todas as edições do Movimento (a Revista, sete dos oito livros da Colecção Setentrião, a Folha n.º 1 da *Colecção Setentrião / Documentos, Notas e Notícias* e o terceiro e último número da Colecção Poesia do Círculo Cultural Ibero-Americano). Escritor de pendor neo-realista e extraordinário animador cultural, é reconhecidamente decidido e audaz a «enfrentar o dragão», expressão feliz com que um leitor designa as forças que se opõem aos seus projectos culturais. A Eduardo Guerra Carneiro responderia em entrevista para o suplemento literário n.º 451 do *Jornal de Notícias* de 25 de Outubro de 1962: «[a função do escritor é] procurar tenazmente a verdade, incorporá-la na vida e proclamá-la aos quatro ventos». António Cabral, mercê da sua formação, das muitas leituras e das relações literárias que cultivou, muito cedo viu abertos os seus horizontes. Muito boa figura, nunca evitou comportamentos de sociedade: perfumar-se, fumar, usar óculos *Ray-Ban*, frequentar a esplanada da Pastelaria Gomes, onde gostava de tomar por chávena o seu vinho branco, simulando, com a cumplicidade de um único empregado, tratar-se de chá. Pertenceu igualmente à confraria “De Pyjames”, acima referida. O seu *Volkswagen* verde, sempre a brilhar, facilitou as inúmeras deslocações que o Movimento, a tertúlia e o companheirismo exigiam. Nele foram, por exemplo, por diversas vezes ao atelier de Nuno Barreto no Porto e a Chaves combinar uma entrevista com Nadir Afonso. Foram da iniciativa de António Cabral as reuniões havidas com o governador civil, Manuel dos Santos Carvalho – mal interpretadas aliás por alguns elementos do grupo, como Eurico Figueiredo, por não lhes ter sido dado conhecimento prévio – para pedir apoio para a revista (que, para além de um patrocínio das Caves da Raposeira, só dispôs

de uma comparticipação de 200\$00 por número, concedida pela Junta Distrital de Vila Real, dirigida pelo Dr. Carlos Sanches, um político do Estado Novo mas simultaneamente homem de cultura e professor, a quem viria a ser dedicada a antologia de poesia de que já falámos). Recordamos que nessa reunião recebeu do governador a resposta: «Se a revista for da situação, apoio; se for neutra, tolero; se for da oposição, proíbo.» Ascenso Gomes recorda ainda outra reunião com o governador, com o objectivo de obter meios para a criação de um cine-clube (que já garantira o apoio do Cine-Clube do Porto). Santos Carvalho terá respondido que não poderiam contar com o apoio do Governo Civil, mas que, se quisessem ver cinema, tinha ali um filme sobre Nossa Senhora de Fátima que lhes podia emprestar.

António Cabral era nessa época um homem do teatro e da poesia. Em carta dirigida a José Dias Baptista diz: «Olha, eu por aqui ando, a falar sobre poesia, todos os dias. A poesia ainda é uma das boas formas de passar o tempo. Ao menos, a gente evade-se e não tem que atender a umas tantas porcarias que a vida nos depara.»

Poucos dias antes da saída do primeiro número da Revista, dirige nova carta àquele seu grande amigo, onde exprime de forma exemplar as expectativas por este novo projecto: «Sabes que, dentro de três dias, vai sair em Vila Real a melhor (!) revista portuguesa de cultura e arte? Chama-se Setentrião...»

A aceitação nacional da Revista, independentemente das dificuldades financeiras e contexto político, superou as expectativas de António Cabral. Indiferente às adversidades e à censura, procurou, embora sem êxito, dar sequência aos dois volumes publicados. Mas as reservas levantadas pelo governador confirmaram-se. Os apoios da Junta Distrital de Vila Real terminaram com a transferência do Dr. Carlos Sanches para Coimbra, em 1968. A imprensa local fez silêncio sobre a Revista, não publicando nenhum dos três

jornais de Vila Real qualquer notícia sobre ela – com a excepção, incompreensível e descontextualizada, de um agradecimento pelas fotografias de barros de Bisalhães (que ilustravam a capa do n.º 1 da Revista), «gentilmente cedidas pela Revista SETENTRIÃO» para a primeira página do Jornal *Ordem Nova*, de 21 de Outubro de 1962, que remetiam para um artigo sobre a necessidade de apoiar os oleiros de Bisalhães (recorde-se que João Dixo e Nuno Barreto, acompanhados do escultor Manuel Pestana, haviam estado nesse mesmo mês em Bisalhães a estudar detalhadamente as condições de trabalho dos oleiros).

Ao n.º 1 da Revista *Setentrião*, publicado em Janeiro de 1962, com coordenação de Nuno Barreto, António Cabral, Vasconcelos Viana e Eurico Figueiredo, deram colaboração, para além destes, Edgar Carneiro, Casimiro de Brito, João de Araújo Correia, Cabral Pinto, Maria Teresa Horta, Vasco de Lima Couto, Rebelo Bonito, Luís de S. Telmo, Dinis Chaves, João Moura e Ângelo Minhava, tratando temas tão diversos como música, teatro, cinema, filosofia, filologia, ou publicando peças literárias (conto e poesia).

O n.º 2-3, publicado em Junho de 1962, sob a coordenação de António Cabral, Eduardo Guerra Carneiro, Ascenso Gomes e Carlos Loures, como no número anterior responsáveis por alguns dos artigos, recebeu colaboração de natureza semelhante à do número anterior, de Edgar Carneiro, Serafim Ferreira, Fèlix Cucurull, Manuel de Castro, Maria Rosa Colaço, Fernando Midões, M. P. O., Vasconcelos Viana, José Aguilar, Guillem Colom i Ferrá, Juan Antonio Malaret, Máximo Lisboa, Rolando A. Vega Jordán, Fernando Lopes Graça, Maria Adelaide da Silva Paiva, Francisco Delgado, António Ramos Rosa, Belmiro Guimarães, Sérgio Lemos Rebelo (pseudónimo de Carlos Loures), Enrique M. Martinez, José Batista, Luís de S. Telmo, Mário Cruz, L. S. (Luís de S. Telmo?),

R. G., a que se juntaram ilustrações de Paulo Pina, Nuno Barreto, Javier Blau (pseudónimo de Carlos Loures) e Helena Salvado Loures.

Mas tão importante como o conteúdo destes dois últimos números, o que mais chamou a atenção e mais alegria trouxe aos intelectuais vila-realenses, nomeadamente a António Cabral, foi a adesão, certamente pela mão de Carlos Loures, ao C.C.I.A. – Círculo de Cultura Ibero-Americano, um movimento literário que se propunha intensificar as relações culturais entre os países de idiomas ibéricos, que se encontrava em organização e tinha como representantes em Portugal a Revista *Setentrião* e em Espanha os Cadernos Literários *Ponent*, de Palma de Maiorca, que no seu n.º XXIII, da Primavera de 1962, faz referência à adesão da revista portuguesa. Refira-se igualmente que o C.C.I.A. era responsável por uma colecção de poesia que editou três livros, sendo o terceiro de Carlos Loures, *Arcano Solar*, editado durante a sua presença em Vila Real, com composição e impressão na Minerva Transmontana, e que se propunha publicar, entre muitos outros escritores, António Cabral e Eduardo Guerra Carneiro. Círculo que teve como presidente o escritor catalão Fèlix Cucurull e fundadores pelo lado de Portugal Carlos Loures, António Cabral, Máximo Lisboa e Egito Gonçalves, e a sua sede situada, a título provisório, desde 25 de Novembro de 1962, em Vila Real, na Rua D. Afonso III, n.º 6, 1.º andar (onde vivia Máximo Lisboa, técnico da Biblioteca Itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian que veio substituir Carlos Loures e que teve também participação no Movimento Setentrião).

Como se disse, os coordenadores do Movimento Setentrião, não quiseram limitar-se à publicação da revista homónima, tendo lançado a Colecção Setentrião, em edições de autor, com o objectivo de «agrupar numa força única todas as obras literárias que forem publicadas em Trás-os-Montes e Alto Douro, interessando-se

especialmente por aquelas que se distinguem pelo seu realismo humano». Isto é, veladamente, manter uma atenção sobre os problemas sociais numa linha de rumo de oposição possível.

Publicaram-se no âmbito da colecção oito livros, bem como uma folha volante de divulgação, *Colecção Setentrião / Documentos, Notas e Notícias*, Folha n.º 1, de Janeiro de 1964, onde encontramos um excelente artigo assinado por António Cabral (que era certamente o grande animador da colecção, a ponto de se predispor a facilitar financeiramente algumas das edições), intitulado “Neo-regionalismo”⁷, complementado por uma nota em que se refere não ser linha directora da colecção, embora se admita poder determinar a criação dum núcleo neo-regionalista dentro da referida colecção.

Livros publicados:

1. *Poemas Durienses*, 1963, poesia, de António Cabral. Ilustrado com linóleos de Nuno Barreto, que é também autor da capa.
2. *Negro sobre Negro*, 1963, poesia, de Granjo de Matos. Nota introdutória de António Cabral. Capa de Ascenso Gomes.
3. *Uma varanda sobre o Rio*, 1963, contos, de José de Aguiar. Capa de Manuel Ribeiro.
4. *Terra Fria*, 1963, poesia, de Miguel Montes, pseudónimo de José Dias Baptista, que é também autor da capa. Nota introdutória de António Cabral.
5. *Neve*, 1965, teatro, de Carlos Alberto, que é também autor da capa. Nota introdutória de António Cabral.
6. *Algás e deuses*, 1965, poesia, de José Magem, pseudónimo de Joaquim Barros Ferreira.

⁷ Transcreve-se em anexo texto integral do artigo.

7. *Poemas do silêncio e da distância*, 1966, poesia, de Telmo da Fonseca.

8. *Antologia da Poesia Contemporânea de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 1968, organizada por Carlos Loures. Ilustrações de João Dixo (que é igualmente autor da capa), Nuno Barreto e Nadir Afonso.

Como atrás se disse, Carlos Loures desenvolveu a maior parte do trabalho relativo a esta antologia durante a sua permanência em Vila Real, e terminou-o em Tomar, um ano antes da sua publicação. Usando um critério marcado pela sua subjectividade de organizador, antecipou-se a eventuais críticas, citando no prefácio o poeta brasileiro Manuel Bandeira, que, no pórtico da sua *Poesia do Brasil*, escrevera: «A verdade é que nenhuma antologia pode por si só representar a poesia de um país: para isso, são necessárias algumas antologias.»

Encontram-se representados na antologia (a que a Fundação Calouste Gulbenkian entendeu recusar um pedido de subsídio): Afonso de Castro (1897), Domingos Monteiro (1903), Manuel Pinto (1903), Fausto José (1903), Miguel Torga (1907), Alberto Miranda (1912), Edgar Carneiro (1913), José Gonçalinho de Oliveira (1916), Nuno Teixeira Neves (1922), António José Maldonado (1924), Bento da Cruz (1925), Alfredo Margarido (1928), António Borges Coelho (1928), Maria Augusta Ribeiro (1931), António Cabral (1931), Nélson Vilela (1933), Granjo de Matos (1935), José Barcos, pseudónimo de José Barros da Costa (1936), Francisco Dias Cordeiro (1941), Miguel Montes, pseudónimo de José Dias Baptista (1941), José Magem, pseudónimo de Joaquim Barros Ferreira (1941) e Eduardo Guerra Carneiro (1942).

A importância desta antologia foi reconhecida numa referência na 17.^a edição da *História da Literatura Portuguesa*, de António José Saraiva e Óscar Lopes, de 1996.

O ano de 1968 foi o último de publicações no âmbito do Movimento, que, no dizer dos seus principais protagonistas, privilegiou a tertúlia, «o espaço mais arejado» de todas as suas discussões literárias, intelectuais, políticas. A falta de apoios e a censura foram mesmo capazes de acabar com a revista. António Barreto e Eurico Figueiredo, demasiado envolvidos em projectos políticos, seguiram o caminho do exílio em 1963 e 1965, respectivamente. As polícias políticas dos dois países ibéricos foram igualmente capazes de acabar com o projecto do Círculo Cultural Ibero-Americano. A PIDE e a Brigada Social trataram de meter na prisão Carlos Loures e Fèlix Cucurull, respectivamente. Por realizar, ficaram também alguns projectos pensados no âmbito do Movimento Setentrião: um documentário cinematográfico sobre um motivo trasmontano (nunca explicitado); um centro de actividades teatrais, em Vila Real, sob a direcção de Álvaro Magalhães dos Santos; um ciclo de teatro moderno; um clube de cinema, de que seria responsável Ascenso Gomes; uma antologia de poesia portuguesa neo-realista, da primeira e segunda geração, idealizada em 1969/70, a realizar pela Colecção Setentrião em parceria com a Colecção Nova Realidade, de Tomar; um projecto de criação de secções de iniciação cultural, apresentado por António Cabral no V Encontro da Imprensa Cultural, realizado em Guimarães em 1969. (Estes Encontros da Imprensa Cultural tinham sido iniciados em Coimbra em 1962, ano em que participaram entre outros Carlos Loures, António Cabral e Eduardo Guerra Carneiro, e devem ter sido um dos mais interessantes e vigiados observatórios da movimentação intelectual em Portugal.)

António Cabral, por sua vez, aproveitaria como factor positivo deste Movimento a primeira oportunidade que o 25 de Abril lhe proporcionou, lançando em 1976/77, com um conjunto de pessoas em que se incluíam jovens intelectuais, o Núcleo Cultural Municipal

de Vila Real – que publicou a Revista *Tellus* (para a qual chegou a ser pensado o título de Setentrião, ideia logo abandonada), que ainda existe e vai publicar em breve o seu número 66, e de que foi primeiro director, e os Cadernos Culturais, e projectou a reposição da Colecção Setentrião, nome que também veio a ser preterido em favor de Colecção *Tellus*.

Anexos

Nuno, o meu irmão pintor

De pintura, não sei. Ou antes, não sou capaz. Da escola primária ao Liceu e pela vida fora, a minha total falta de talento para o desenho e as artes plásticas em geral foi sempre um motivo de frustração. Agravada, mais tarde, pelo facto de ter vindo a formar o meu gosto pela pintura e a estudar obras e autores. Os cinco séculos da grande pintura europeia, inesgotável fonte de felicidade para o espírito, constituem seguramente um dos expoentes da história da humanidade. Uma boa parte das minhas férias é organizada em função das possibilidades de visitar museus e exposições, a ponto de as cidades que visito repetidamente são sempre aquelas que me oferecem as colecções e os museus favoritos. E quanto mais admiro este formidável património, mais confirmo que este modo de expressão me ficou, para todo o sempre, vedado.

Quando recordo a minha incompetência para o desenho, aquilo a que hoje se chama “artes visuais”, vejo-me, aos dez ou quinze anos, às voltas com as famosas bilhas e ânforas que era necessário desenhar, a lápis ou a carvão, em grandes folhas de “papel almaço” ou “papel do cavalinho”! O lado esquerdo saía mais ou menos, mas o lado direito ficava sempre torto! Nunca conseguia a semelhança, muito menos a simetria!

Quando me quis exprimir pela imagem, socorri-me da fotografia. Esta, apesar de se ter tornado numa arte com todos os pergaminhos, foi sempre, para mim, uma espécie de sucedâneo. Uma arte menor, de substituição. Quem não tem cão, caça com gato. Quem não tem jeito para o desenho, faz fotografia. Que me desculpem os fotógrafos, tanto os grandes mestres, como os amigos...

Quer isto dizer que, ainda criança, olhei para o meu irmão Nuno com respeito e admiração. Quem sabe se com um pouco de inveja. Enquanto lutava com as bilhas e os baixos-relevos a gesso que povoavam as paredes do meu Liceu de Vila Real, não tirava os olhos dos seus desenhos, nos quais ele já se atrevia a introduzir variações imaginativas. Desde muito cedo, não sei precisar desde quando, que o via desenhar e pintar. Com lápis, carvão, aguarelas e uma espécie de “crayons” de giz ou pastel.

Havia poucas tradições artísticas na família. Música? Nada, que se saiba. A não ser uma avó que teria tocado piano na juventude, mas que nunca vi ou ouvi fazê-lo. Ficávamo-nos pelos discos ou pela rádio e por uns concertos ditos da “Pró Arte” que se realizavam a espaços no ginásio do Liceu e que me permitiram os primeiros contactos directos com a grande música de câmara.

Artes plásticas? Muito pouco. A nossa avó paterna, Maria Adelaide, a “Avó Mimi” para os netos, pintara na juventude. Devem-se-lhe uns tantos quadros a óleo, perfeitos, muito bem desenhados, românticos e bucólicos, geralmente cópias de reproduções, gravuras e postais. Um casal de namorados rurais à beira de um poço ou uma família de camponeses, por exemplo. Além de paisagens imaginárias, sempre rurais, ou de umas mais realistas montanhas à volta da Régua e das margens do Douro. Uma parte das paredes da nossa casa na Régua (o “Palacete”, hoje Biblioteca Pública Municipal) tinha também sido decorada e pintada por ela. Guirlanda e ramos de flores e arabescos numa sala, cenas pastoris noutra. Talvez não tivesse muita cultura, mas jeito tinha de certeza.

Também a nossa mãe era dada ao desenho. Sobram muito poucos exemplares da sua arte. Mas uma coisa fez com método: os retratos dos filhos. Uns a lápis e outros a sanguínea. Entre os 10 e

os 15 anos, lá passámos todos por umas horas de pose. A aparência e a fidelidade eram notáveis.

A nossa Avó e a nossa Mãe eram exemplos de “meninas bem-educadas”, com alguns talentos, mas que a educação mais ou menos caseira e as responsabilidades tradicionais de Mãe e dona de casa tinham afastado definitivamente das artes e da cultura e de formas de expressão consolidadas. Também a vida na província, em Vila Real ou na Régua, era um obstáculo duro de ultrapassar. Os livros chegavam tarde, os jornais da capital atrasados, os filmes pouco, a música quase nunca, a pintura era raríssima, dança nunca, ópera nem se fala, concertos episódicos e as tertúlias ou conversas de café reservadas aos homens.

À parte aquelas tentativas, sem consequências de maior, os talentos artísticos não abundavam na família. Foi o Nuno que veio contrariar esta tradição. Durante o Liceu, distinguiu-se e foi formando uma vocação. Em casa, fechado no seu quarto, era à pintura que ele dedicava parte do seu tempo. Mais fechado ou introvertido do que eu, sabia-o a passar longas horas a escrever ou a desenhar. Dos escritos, nunca tive conhecimento, nem sei se ele guardou alguns. Dos desenhos, íamos vendo. Paisagens, vários desenhos, aguarelas e retratos iam aparecendo. Recordo retratos de alguns irmãos, das avós e da Tia Clotilde, uma das nossas heroínas, porque era a mais cultivada, mais dada a ler romances, a levar-nos ao cinema e a falar de Inglaterra e de outras paragens. Se bem me lembro, a sua pintura era sobretudo, ou exclusivamente, figurativa. Não tenho presentes experiências abstractas.

Deve ter começado como desejo e só lentamente se foi afirmando como vocação. Quando chegámos ao sexto ano (que hoje seria o equivalente do 10.º), era necessário escolher. Sei que ele hesitou.

As Belas Artes já o chamavam. Mas talvez as pressões da família e uma orientação mais “lucrativa”, mais profissional, levaram-no para Económicas. Fiquei com a impressão de que não tinha totalmente renunciado. E que seguia, contrariado, aquela via mais realista e prática. Ao lado dele, com vontade de estudar política e sociologia, acabei por me inscrever na alínea de direito, aquela que me parecia mais calhada para cumprir os meus desejos. Não havia ciências sociais, nem tão pouco sociologia, que o regime condenava.

Durante esses dois anos, ele continuou a pintar, como amador. Mas entregámo-nos a outras artes... Leituras, as primeiras discussões sérias com os amigos, tentativas jornalísticas, teatro amador estudantil e certamente festas e namoros. Representámos numa peça (ele era o Infante Henrique e eu o Cosmógrafo) que, para nossa glória, chegou a fazer espectáculos em Vila Real e... Alijó! No final da década de 50, por iniciativa dele, tive aquela que foi uma experiência marcante para toda a minha vida: partimos uns meses para Inglaterra. Inscrevemo-nos num campo de trabalho para a juventude onde ganhávamos uns tostões em actividades agrícolas e numa fábrica de produtos alimentares. Fizemos a viagem de comboio, por Paris, onde ficámos uns magros dias. Depois, Londres. Finalmente o campo, perto de Norwich. Novamente uns dias em Londres, depois Paris e o regresso a casa. Ele era mais velho do que eu cerca de ano e meio, o suficiente para me servir um pouco de guia. Essa primeira viagem ao estrangeiro, essa primeira observação directa do que eram os outros e do que era o mundo, foi um dos momentos cruciais na minha formação.

Em 1960, terminámos o sétimo ano (hoje, 12.º). Ele dirigiu-se para o Porto, Faculdade de Economia. Eu para Coimbra, Faculdade de Direito. Perdemo-nos um pouco de vista. Os encontros de Natal eram pequenos, os de férias não o chegavam a ser. Depressa

chegou a notícia: o Nuno não queria prosseguir em Economia, queria absolutamente mudar para Belas Artes. Imagino que a sua decisão não foi fácil e que os nossos pais não aderiram à primeira. A nossa família, com sete filhos, tinha dificuldades económicas. Aquela mudança significaria a perda de um ano, além de que, do ponto de vista económico, não se afigurava muito rentável. Mas os nossos pais, apesar de conservadores, eram liberais. Raramente ou mesmo nunca contrariaram, de modo definitivo, um filho. Sem saber pormenores da discussão, soube que o Nuno, a partir de 1961, iria frequentar Belas Artes. O que fez. Para seu e nosso bem!

Desde essa altura e até à minha saída para a Suíça, em 1963, vimo-nos pouco. Em férias, ainda tentámos levar a cabo obras de juventude: tertúlias mais ou menos intelectuais, projectos de revistas e outras produções. Assim nasceu, por exemplo, o “Setentrião”, magra e breve revista transmontana, na qual colaboravam, além de nós dois, o António Cabral (o veterano e em certo sentido mentor do grupo), o Carlos Loures (que pertencia às bibliotecas itinerantes da Gulbenkian), o Zé Viana (jovem actor estudante com o nome de Vasconcelos Viana), o Eduardo Guerra Carneiro (poeta e jornalista, morto há poucos anos), o Ascenso Gomes (Vila-realense de primeira gema), o Manuel Areias e outros. Dizíamos poemas, escrevíamos textos parecidos com os “cadavres exquis” dos surrealistas, bebíamos, desafiávamos as raparigas da cidade...

Queríamos estudar melhor a região, desejávamos levar a voz de Trás-os-Montes aos círculos intelectuais e jornalísticos nacionais. Lutávamos para romper o círculo de silêncio e de rotina que se vivia em Vila Real. Sufocávamos, mas lutávamos contra isso. O Nuno, nessa altura, era, além de outras coisas, o “artista” do grupo: ilustrava e fazia as capas dos livros e revistas que nós publicávamos. Uma vez por outra ia eu ao Porto e ficava em casa dele, onde já se

viam, nas paredes, desenhos e esboços. Estava finalmente no seu meio, a fazer o que queria, a aprender aquilo para que tinha talento. Os anos seguintes, separados por uns milhares de quilómetros, foram evidentemente de afastamento. De vez em quando chegavam notícias. E ele foi o irmão que me veio visitar a Genebra, por duas vezes. Com recomendações especiais dos meus pais: “Para ver como ele está”! Nessas suas visitas, a curiosidade era talvez a primeira motivação: passava pelas cidades onde havia bons museus. Ainda hoje, quarenta anos depois, sei dele, praticamente todos os anos a visitar museus em Paris ou Londres, em Roma ou Madrid.

Com o meu regresso a Portugal, em 1974, as nossas relações retomaram frequência e intimidade. Não foi difícil. Tínhamos crescido muito juntos, essas coisas nunca desaparecem. Ele é o segundo e eu o terceiro de uma série de sete: essa proximidade tinha sentido, não era apenas cronológica. Foi então, e só então, que conheci melhor a sua pintura. Com uma personalidade já feita. Com um estilo bem definido. Com temas recorrentes que explorava (e explora...) minuciosamente. Vi então que navegava por várias águas: a figurativa e a abstracta. E sobretudo a simbólica.

Ao longo destes anos todos, não cessou nunca, em qualquer dos estilos que cultivou, de jogar, com ironia, com símbolos, metáforas e alusões plenas de sentido. Não deixou nunca de trabalhar um tema que sempre me tocou especialmente: o da solidão. Vejam-se os seus quadros contemporâneos, vejam-se os quadros mais antigos que ele seleccionou para o CD-ROM e para o livro que prepara, e ver-se-á como, ao longo dos anos, a solidão está no centro dos seus temas. A solidão e a dificuldade de comunicação.

O que me traz à mais antiga recordação artística que tenho do Nuno. Não sei por que cargas de água, a verdade é que possuí um

quadro seu, de juventude, desde o início dos anos sessenta. Era um pequeno óleo sobre madeira. Sobre fundo sem forma e de cores sombrias, duas figuras sentadas em cima de uma espécie de cubos. Dois homens vestidos com uma espécie de fato de treino, um de tons azuis, outro de encarnados. Ambos pensativos, não se olhavam de frente, apesar de estarem de frente. Via-se que estavam ambos juntos e distantes. Ambos em sofrimento. Ambos incomunicáveis. Mas juntos. Esse quadro, infelizmente e certamente por culpa minha, desapareceu. Quando, hoje, olho para muitos dos seus quadros, sejam as paisagens etéreas, sejam as alusões orientalistas, sejam enfim as suas visões do urbano contemporâneo, e que todos nos falam de solidão e de incomunicabilidade, vejo sempre aquele pequeno quadro de juventude. O quadro perdido de uma emoção permanente e renovada.

Janeiro de 2006

António Barreto, “Nuno, o meu irmão pintor” in *Nuno Barreto. Galeria Imaginária*, CD-ROM, 2006.

Evocação de António Cabral

Conheci António Cabral na Primavera de 1958, quando ele reunia à sua volta uma série de alunos do 6.º ano do Liceu Camilo Castelo Branco de Vila Real, para levar à cena uma peça patriótica, passada no tempo das Invasões Napoleónicas.

Desde logo o seu entusiasmo contagiante, o seu sorriso permanente de estímulo e confiança em todos nós, fez com que o espectáculo se erguesse e fosse levado à cena no Cine Teatro Avenida de Vila Real, antes do Verão de 58. O que não foi tarefa pouca. Digo-o com a experiência que tive dessas andanças cénicas, ao longo de 26 anos, em que tantos e tantos projectos semelhantes não conseguiram, por este ou aquele motivo, chegar à estreia.

Recordo-me de ter visto o espectáculo da plateia (uma apendicite aguda, com intervenção cirúrgica e internamento na clínica do Dr. Otilio Figueiredo, impediram-me de chegar ao fim dos ensaios). A esta distância, ainda me admiro de como é que António Cabral conseguiu aquela montagem, com guarda-roupa de tropas napoleónicas, um acampamento em cena, com uma fogueira verdadeira, sem receio de fumo que chegou à plateia, provocando os protestos do Sr. Prof. Botelho.

Foi António Cabral a primeira pessoa a considerar que eu poderia ter jeito para representar em cima de um palco. (Depois dele, em Dezembro do mesmo ano, o Sr. Claro do Governo Civil, na Gala da Academia dos finalistas do Liceu em 58-59... e outros, a partir daí, quando fui estudar para Lisboa; e, a seguir a fazer a guerra do Ultramar, já empregado na TAP, consegui acumular esse emprego com 15 anos de teatro profissional, até Julho de 84. Cansado dessa duplicação, resolvi ir residir para a Costa da Caparica e ajudar a criar dois filhos, deixando o teatro para sempre.)

Nunca me esqueci que foi António Cabral que me lançou nessa actividade. Como também não me esqueço da amizade e do sorriso sempre aberto e fraternal com que me recebia nas curtas férias escolares que eu ia passar a Vila Real de 1959 a 1964, altura em que fui para a guerra do Ultramar.

Nesses curtos períodos é que convivi com ele e segui o que ele fazia com a *Setentrião*.

Lembro-me dos convívios na Gomes, na sala de explicações do Ascenso Gomes, também fui à sala dele, nessa pequena rua ao lado da Gomes. Sempre que lá voltava, ele falava-me duma animada sessão em que nós cantávamos coros do exército soviético com uma “Kalinka, Kalinka”, que eu tinha em casa (numa altura em que isso era mal visto, por isso nos empolgava).

Esse período está mais que bem descrito, no trabalho editado pelo Grémio Literário Vila-Realense sobre o “Movimento Setentrião”, por Elísio Amaral Neves, 12 de Fevereiro de 2009. Fiquei admirado com a quantidade de informação aí recolhida. Só pela amizade dele [António Cabral], ou pelo seu empenho em motivar quem o rodeava, é que eu compreendo que ele mencionasse o meu nome como coordenador, ou correspondente em Lisboa, da revista *Setentrião*. Só para o primeiro número enviei uma colaboração, fraca, sobre o que se passava em Lisboa na área do espectáculo.

Mesmo assim, ele estimulava-me sempre a continuar a escrever, a fazer crítica.

Neste capítulo, nunca fui capaz de lhe corresponder. Por falta de gosto e de capacidade, (de preguiça não tive falta) não lhe pude dar esse gosto.

Considero, considere, uma grande honra ele incluir-me entre os seus camaradas da *Setentrião*, na dedicatória que ele nos faz em 1963 quando da edição dos seus *Poemas Durienses*. Como eu gostaria de poder agora voltar a retribuir-lhe o abraço que ele me

enviou com o seu exemplar autografado, e dizer-lhe de viva voz: grande livro, belos poemas, forte Douro.

Lembro-me da última vez que pude conversar com ele, à mesa da Brasileira, calculo que por volta de 1977: já não lhe vi o sorriso aberto e confiante; queixava-se de que aquelas amizades e companheirismo se tinham fragmentado e dispersado pelas rivalidades entre os partidos políticos. Eu não tinha pensado em como isso pode ser mais sentido, numa cidade como Vila Real.

Nestes últimos 30 anos, a vida, o dia a dia, as pequenas voltas de coisas sem importância, levaram-me a ser cada vez mais breve nas minhas idas a Vila Real, motivadas por razões familiares. Procurei António Cabral naquele edifício da antiga Escola Industrial, em frente à Igreja de S. Pedro, onde soube que ele dirigia uma instituição de animação cultural. Nunca aconteceu encontrá-lo, talvez por eu passar por lá em datas festivas, Natal, Páscoa, etc. Ia seguindo a sua actividade de maneira fragmentada, por uma ou outra notícia da imprensa de Vila Real, ou nacional (sobretudo ligados à animação de jogos tradicionais).

Foi por isso uma revelação do “site” em que toda uma vida cheia me foi descrita. Li toda aquela informação como se visse um filme, que muito me tocou e comoveu, sobre uma pessoa que me foi tão próxima, numa fase decisiva e difícil da minha vida (os 17 aos 24 anos).

Só agora reparei que ele era mais velho que eu dez anos: nunca me pareceu que ele tivesse mais do que cinco anos além de mim. Era mais novo que eu em energia, alegria, capacidade de comunicação e extensão aos outros, de uma afectividade transparente e genuína.

Ouvi há dias uma citação de um realizador-encenador célebre: *para se ser feliz é preciso ter uma saúde forte e uma memória fraca*. Não é que a memória destes 50 anos da publicação de *Poemas Durienses* seja triste. Mas é certo que, para mim, esta evocação é motivo de nostalgia e de desgosto, por não ter conseguido estar mais

próximo de pessoas com quem cruzámos ao longo da vida. Pensei que em qualquer altura podia voltar a contactá-las, que estariam ali sempre disponíveis para nos darem o seu abraço amigo, e já não é possível. É isso que dói. É a memória dessas pessoas, que já não podemos abraçar, que nos penaliza.

A memória de António Cabral está no grupo mais restrito de amigos que já não posso voltar a abraçar.

10 de Março de 2014

José Vasconcelos Viana, “Evocação de António Cabral” in *Tellus*, n.º 64, Vila Real, Junho de 2016, pp. 12-14.

Sobre a necessidade de núcleos culturais activos na Província

Uma necessidade que se vem tornando urgente é a criação de núcleos culturais, dispersos pela província, que contribuam para a melhoria do nível intelectual do nosso povo.

O baixo nível ainda existente, que por exemplo se manifesta no pequeno poder criador das nossas elites, levanta com acuidade o problema da necessidade de se iniciar uma larga campanha, que complete as iniciativas existentes e origine, onde esses interesses se não manifestem, um movimento vivificador, capaz de incrementar, em largas camadas da população, interesses culturais capazes.

Não podemos desligar qualquer actividade específica de outros condicionamentos existentes, sendo critério totalmente desligado das realidades tentar resolver estes problemas sem se acelerar a campanha de melhoria das condições económicas e de saúde existentes no nosso país.

Não é meu interesse, neste artigo, falar destes problemas, assim como não me vou prender com problemas de ensino, que aliás não posso deixar de notar pela estreitíssima ligação que têm com a possibilidade de êxito desses núcleos a que me vou referir.

Qualquer embrião de actividade cultural com carácter regionalista, não pode esquecer o dualismo de cultura radicado nas nossas sociedades, procurando focar esse aspecto, e acima de tudo integrá-lo, para possibilitar o aparecimento de verdadeiras culturas regionais, com possibilidade de projecção universal.

Reforo-me à existência duma cultura universitária ligada às elites actuaes que iniciarão esses núcleos. As características regionais de raiz popular, possibilitarão uma actividade a todos os títulos necessária, como seja a de desenvolver, procurando não desvirtuar,

e ainda a de estudar sèriamente as manifestações artísticas, para assim proporcionar o aparecimento de folcloristas portugueses bem estruturados e não notarmos mais com tristeza, como no caso em questão, que sejam estrangeiros, como Giacommetti e Kini Shindier, dos mais interessados pela música regional transmontana. (Cumpre aqui lembrar o trabalho de, além de outros, P.^e Firmino Martins, Rebelo Bonito e Lopes Graça, tendo este, no Côro de Amadores de Música, realizado o meritório trabalho de divulgação da música regional transmontana.)

O povo transmontano foi levado por condicionamentos ambientais (sociais, geográficos, étnicos e de integração de elementos religiosos católicos, pagãos, árabes, etc.), a uma actividade cultural específica que pouco a pouco se tem perdido, desvirtuado – em parte, devido a um pseudo-intelectualismo não preocupado com a autenticidade das manifestações artísticas populares, mas apenas com os aspectos mais superficiais e alienáveis desta, em parte, a uma deficiente organização dos meios de Informação (rádio, televisão, etc.), e a uma deficiente estruturação cultural do nosso povo, que o leva a assimilar todas as manifestações numa cultura medíocre que se está a desenvolver assustadoramente nas nossas sociedades.

Um imenso número de intelectuais, como Bartok, Malraux, etc., etc., tem colocado as culturas populares em pé de igualdade com as culturas desenvolvidas pelas elites europeias.

Não me cumpre aqui defender esta tese. Independentemente da origem destas culturas, da ligação destas, com as elites, primeiro aristocráticas, depois burguesas, e de outros problemas que estão ligados à chamada arte popular, interessa que esta apresente características de originalidade e autenticidade, que por si só bastam para que seja conservada e desenvolvida, como ainda, que, pelas suas características de simplicidade e realismo, possa vir a auxiliar a revivificação numa cultura que levou ao máximo grau o

maneirismo e o subjectivismo, como se deu com a actual cultura europeia, – fenómeno de revivificação que já se tem dado noutras épocas e civilizações.

A par desta actividade, já por si meritória, cumpre a esses núcleos culturais trazer, junto da população da província, uma cultura universalizada, para uma maior valorização humana.

Também, neste tipo de integração, não se devem descurar as características culturais próprias do povo português. Assim, no caso da música, cuja força se manifesta na riqueza do folclore e na criação de inúmeras bandas, tem interesse a formação de corais de divulgação da música regional, assim como um maior número de ranchos regionais.

Penso ser possível um grande interesse pelo teatro, dada a existência no nosso povo, desde tempos imemoriais, de actividades afins a esta arte. Ainda agora, nas aldeias aparecem grupos de teatro (comédias, entremezes), sendo trabalho muito útil uma recolha de todas as manifestações do teatro popular português. É de louvar o interesse do C. I. T. A. C. com vista a esta actividade.

Contudo, acreditar que unicamente através duma cultura popular se pode levar o povo português a uma compreensão de todos os problemas culturais actuais, é demasiado ingénuo para que alguém o acredite. Seria pois necessário possibilitar a todas as camadas da população o contacto com a grande literatura, através de bibliotecas mais actualizadas, bibliotecas itinerantes; com a pintura, através de exposições itinerantes etc.

(As peregrinações populares aos murais de Siqueira e Orosco, no México, são elucidativas das possibilidades de comunicação desta arte.)

Aqui, aparece o cinema com uma importância superior a qualquer outra manifestação artística, dada a possibilidade de contacto do grande público com o bom cinema, e a facilidade de compreensão da temática apresentada por esta arte.

É desolador notar que o cinema conhecido pelo nosso povo, além de ser duma tremenda mediocridade, o deforma em toda a sua situação moral. O vício, o crime, a violência, a desonestidade, são os temas mais assimiláveis através do cinema que lhe é dado conhecer.

Torna-se apavorante apercebermo-nos da capacidade de deformação proporcionada pelo mau cinema exibido nas nossas cidades e vilas (como entusiasmo notar a capacidade de «formar» através do bom cinema), favorecendo apenas notórios interesses comerciais.

É pois, urgentíssimo o desenvolvimento do movimento cineclubista por todo o país, para desta maneira poder ser dado a conhecer a todo o público o verdadeiro cinema artístico.

Seria um óptimo trabalho para esses núcleos regionais a formação dum maior número de cineclubes do que os já existentes no país.

Todo este trabalho pode ser tentado desde que se crie uma maior responsabilização das elites universitárias.

Para isso torna-se necessário vencer o cepticismo dessas mesmas elites, já por si manifestando uma debilidade intelectual ou a justificação para uma quietude comodista ou ainda um critério de análise não realista e por isso capaz de conduzir a situações erróneas.

Um dos processos que, a meu ver, podem tornar a acção mais possivelmente eficaz é tentar que os organismos já existentes e com estatutos próprios (clubes desportivos, clubes recreativos e só na imaginação culturais, sindicatos etc.), procurem por si desenvolver uma actividade cultural suficiente.

Assim, são os seguintes os pontos que penso importantes, e que nós, fundadores desta revista, vamos tentar realizar:

1 – Recolha de objectos artísticos dispersos pela província, procurando que os museus regionais adquiram os de maior valor.

2 – Recolha do folclore regional transmontano e duriense.

3 – Protecção e incremento comercial dos núcleos de cerâmica popular presentemente em decadência, como por exemplo a indústria de barros pretos de Bisalhães.

4 – Formação de grupos corais de divulgação da música regional, se possível ainda não conhecida e resultante das ditas recolhas.

5 – Formação de cineclubes.

6 – Formação de grupos de teatro.

7 – Procurar realizar curtas metragens que visarão captar o povo transmontano e duriense, nas suas formas de actividade com maior interesse documental.

8 – Formação de ranchos folclóricos.

9 – Incrementar o aparecimento de bibliotecas fixas e itinerantes.

10 – Exposições itinerantes.

11 – Revistas regionais.

É por esta última iniciativa que vamos começar. Depreende-se que assim seja, dado que através dela poderemos defender todos os nossos pontos de vista.

Torna-se necessária uma certa estruturação teórica das actividades, para que, dada a falta de experiência de todos nós, em iniciativas do género, se não caia numa acção dispersa e alicerçada unicamente no improviso.

Procuraremos dar-lhe um carácter regionalista do tipo atrás defendido, abrindo contudo a revista a todos os colaboradores de idoneidade intelectual reconhecida, bastando para tal que os organizadores achem de interesse essa colaboração.

Assim incidirá a nossa atenção sobre todas as manifestações da arte popular transmontana, sem esquecermos a necessidade da formação através dum humanismo universalizado. Não descuremos contudo uma tomada de posição, apesar de evitarmos que essa feição por nós tomada se torne exclusiva, o que se depreende, aliás, dos artigos do primeiro número da revista.

Procuraremos defender uma atitude intelectual realista,

evitando todas as formas de decadentismo esteticista, por vezes formalmente rico, mas que, a nosso ver, afasta o homem actual das suas verdadeiras aspirações.

Temos também como intuito dar a conhecer ou conhecer melhor todos os transmontanos de actividade criadora intelectual reconhecida.

O nosso fito final é fomentar em diferentes cidades e vilas transmontanas o aparecimento de núcleos culturais semelhantes, com os quais, uma vez formados, iniciaremos a melhor camaradagem, procurando destes auxílio imediato na colaboração desta revista que será a dos transmontanos interessados.

De todos desejamos a maior compreensão e ajuda.

Eurico Figueiredo, “Sobre a necessidade de núcleos culturais activos na Província” in *Setentrião*, n.º 1, Vila Real, Janeiro de 1962, pp. I-IV e 39.

Caríssimos amigos:

(A propósito do Movimento Setentrião)

Como o tema era vasto e basto, não o consegui expor capazmente no passado encontro de 5 de Abril em poucos minutos. Com efeito, além de reafirmar a ideia de que Vila Real passara então, década de 50, a ser um pequeno viveiro de cultura (no máximo alcance semântico do termo) no Interior (e foi-o!) – é-me penoso afirmá-lo, mas algo ficou por revelar a tão conceituado grupo Bilão. Bilão de Bila, como aí se dizia. Em Barroso, por outro lado, diz-se: **Não é vilão o da Vila mas o que faz vilania!** Vá lá que ainda me lembrei de referir o texto do Elísio Amaral Neves, aliás, único marco escrito que conheço referente a esses significativos anos para uma cidade da longínqua e ignota “província” como diziam os “sulistas”.

Por muito que se diga, nunca será demasiado historiar aqueles anos e documentos afins e remordam-se de inveja as principais cidades do País: Lisboa, Porto, Braga e Coimbra que só serão recordadas por omissórias quando mais delas se esperava nessa altura de fomes, trevas e fugas.

Na verdade, após os **manifestos surrealistas** de Breton (de 1924 e de 1930) – uma pachouchada que ele definiu como “*simples automatismo psíquico que pretende explicar o mecanismo real do pensar sem que a razão intervenha e fora de toda a preocupação estética ou moral!*” em boa verdade, em Portugal, “nada de novo a ocidente!” Por isso, a nós, ou aos artistas de qualquer género, seguindo à letra os ditos manifestos, restava-nos apenas colocar

(nos textos, nas pinturas, nos poemas, etc.) o que sobrava “*dos sonhos, dos transe médiumicos, dos automatismos, dos estados de sonambulismo, mas em luta contra a moral, contra a sociedade e contra a própria arte*”!!! Tais barbaridades propalavam Breton e comandita! O Cabral ria-se disto como de autêntica tragicomédia! Até chorava no riso... E sempre que vinha a propósito, zurzia-os!

Analisando o País cultural do pós-guerra e deixando de lado os autores desalinhados, os exilados lá fora e cá dentro cuja obra perdura ainda, vejamos:

Afinal, foi na “Província” – essa palavra quase prostituída por muitos *pseudo-intelectuais* de que fala Cabral no Miradouro; afinal, foi aqui que a **coisa** começou. Em Lisboa apareceu, em 1948, um grupo com “Cadernos Surrealistas”... Como chegou, assim se foi. Pouco depois, nada. Nadinha. Os “egos” e as “capelinhas” envenenaram o projecto e puseram os “artistas” virados cada um para seu lado. Nada de tertúlias, muito menos de “Movimento”!

Nas maiores cidades, Porto, Braga e Coimbra, a mesma coisa. Braga, que conheci melhor, é um bom exemplo do que afirmo. Havia mais de meia dúzia de livrarias, dois jornais diários, oito publicações do tipo revista (algumas de grande envergadura) mas onde campeava o compadrio *total* na colaboração e *parcial* na distribuição, apesar de quase todas solicitarem permuta. Quando saiu a Setentrião 2/3, o Cabral escreveu-me a perguntar se lá se venderia. Colhi inculcas e mandou-me 10 exemplares que distribuí apenas por duas: seis, na *Livraria Vitor de Sá* (amigo pessoal de Agostinho da Silva, que lhe prefacia o primeiro livro, “A Mocidade de Antero”, e figura muito proeminente do Movimento da Unidade Democrática) e quatro exemplares na *Gualdino Correia* de que os meus pais eram clientes. Quando lhes falei, ambos torceram o nariz

mas aceitaram pô-las na montra e, na semana seguinte, haviam desaparecido... O Cabral ficou radiante. Mandeí-lhe os tostões na volta do correio.

Já uns dois anos antes me tinha escrito com muita curiosidade a falar da revista bracarense, *de arte e literatura*, “Quatro Ventos”, para eventual colaboração... Fui lá todo lampeiro... mas o director trouxe-me à porta com um esgar e tal ladração muito semelhante à daqueles bichos que correm as pessoas ao cancelo. [...]

Voltando ao Movimento e como tudo começa: só lá por 1957 aparecem as “**Notícias do Bloqueio**” com influente trabalho do Egito Gonçalves e, depois, os “**Rapazes da Divulgação**” como lhe chamou o Cabral com grande propriedade... em que entra o Carlos Porto...

Então e quase ao mesmo tempo (até parecia que fora tudo combinado, mas não foi!) surge em Faro o grupo dos “**Cadernos do Meio Dia**”, por acção mais visível de Casimiro de Brito e Teresa Salema e, em Ferreira do Alentejo, o Movimento “**Convívio**” através do Convívio Zero e do jornal “A Planície”. O Cabral e eu fomos “*conviventes*” mas o movimento emperrou porque o seu “mentor”, “Afonso Cautela”, ora era desterrado ora preso pela polícia política. [...]

Em Vila Real, no mesmo ano de 1957, o Cabral (no Ordem Nova, periódico do “poder”) logrou criar a página “Miradouro das Letras”, com a tímida mas prestimosa ajuda do poeta Gonçalves de Oliveira, onde logo abriu coluna para jovens sob o título “Falam os mais novos” e em que fui o primeiro a colaborar, aos 15 anos, com um poema “angelical” que parece de criança de 10... Aqui, notei eu mais tarde, a sua consciente olhada para trás, a primeira vez que o

padre *duvida...* da “missão sacerdotal”; é o primeiro **aviso**: “*ama e faz o que queres!*” A piada reside no facto de, além de **Acab**, ele por uma só vez usar (que eu saiba) este quase-pseudónimo que afinal integra o seu verdadeiro nome, *Joaquim Magalhães*.

A notícia da página literária correu célere e nove meses depois já havia alguns colaboradores de Beja, Chaves e Faro (Casimiro de Brito, por exemplo). Como a alma do Cabral era Poesia, apesar da amizade que tinha por Jorge de Amorim, que até lhe dedica um poema, deixa para o Miradouro, página literária seguinte, a publicação do texto “Jorge de Amorim e a Poesia Pura”. E, um ano após, 1959, o Cabral assistia à divisão entre o grupo do Porto e o dos *conviventes* e publicava a Carta Aberta, de crítica aos contendores, dirigida a Miguel Serrano e “**rapazes da Divulgação**”.

Corroborando a metáfora evangélica do Cabral, agora por causa dos Cadernos do Meio Dia, onde as cisões germinavam entre artistas de nome feito e a Natércia Freire critica asperamente os citados “artistas” na página literária do Diário de Notícias! O Cabral corrobora a crítica no Miradouro - 6.

Nós, por cá, tudo bem. Íamos reunindo com regularidade, os de mais longe quando podiam e a fêria tilintava. (Em princípios de 1961, solicitei reforço da fêria, duas vezes à Mãe e uma ao Pai para “comprar sapatos”. Gastei os tostões numa viagem de fim de semana a Vila Real para ver a “mocinha” – como lhe chamava o Cabral – e os amigos do Movimento. Só que no mês seguinte a mãe foi a Braga e viu-me nos pés uns sapatos a abrir a biqueira como um sapo que sai do letargo... “Então compras três pares de sapatos e já andas com eles rotos qual pobre da volta?...” Imaginem a vergonha... e lá fui atrás da Mãe para a sapataria. Perdoem estas ridicularias mas estão-me demasiado vivas na memória!)

Como se depreende, todos estes grupos e grupelhos estavam relacionados. O problema é que alguns elementos deles, além de relacionados queriam ser bajulados... Sempre os “egos” a borrar a pintura e a prevalecer sobre a comunidade, como atesta aí a Natércia Freire!

Eu (desculpem as referências pessoais que até me confrangem) só me recordo de assistir a cinco encontros do Movimento. E tratava-se mesmo de um Movimento com a conotação ideológica e política que o vocábulo sustenta. Por sinal, nunca encontrei lá o António Barreto, provavelmente apenas *tertuliano de vacanças*, ao contrário do Eduardo Guerra Carneiro, do Nuno Barreto, do Ascenso Gomes, do Eurico de Figueiredo, do Vasconcelos Viana, do Carlos Loures; estes dois conheci-os apenas nas últimas tertúlias, e também um senhor ruivo, amigo do Cabral, em cuja pensão (frente à Sé) dormi nas duas últimas vezes por metade do preço, em comparação com o do Tocaio onde antes dormira sempre.

Além da capacidade de mobilização e relacionamento do Cabral, a partir de 1959, julgo eu que, com uma certa “abertura” devido à campanha eleitoral do General Delgado só explicável pela psicologia das multidões, a “agitação social” aumentou. Qualquer “club” ou grupo com reuniões mais ou menos certas (na Gomes, na Rosas, no Excelsior ou na Toca da Raposa) todos desenvolviam propostas de natureza recreativa, política, cultural ou simplesmente gastronómica a que o António Cabral aderiria sem esforço e nas quais, a breve trecho, dava cartas. Como resultado visível da dinâmica cultural subjacente a tais tertúlias e manifestações, (apesar da falta de divulgação de actividades por desinteresse da Emissora e Televisão públicas, que mal se captavam) em finais de 1961, ao mesmo tempo aparecia um disco de música regional, das recolhas de Lopes Graça e Giacometti. Julgo que parte daí o toque final para

o Movimento Setentrião decidir publicar a revista desse nome que vai sair em Janeiro de 1962. O debate foi intenso e a decisão fôra unânime... o problema provinha da falta de verbas... Mas fez-se... Era o início da realização das propostas, sobretudo, do Eurico de Figueiredo e do António Cabral, com colaboradores transmontanos de primeira água. Novo impulso surge com a chegada a Vila Real do Carlos Loures, que logo pegou de estaca no Movimento (o que não foi de estranhar) e se propõe:

a) a coordenar a Setentrião 2/3 a sair ainda nesse ano;

b) a organizar também uma Antologia da Poesia Contemporânea de transmontanos e alto-durienses que apenas veio a público em 1968;

c) e, acima de tudo, a criar a plataforma cultural entre o Círculo de Cultura Ibero-Americano (presidido pelo catalão Félix Cucurull) que publicava os Cadernos literários “Ponent”, em Palma de Maiorca, e o Movimento Setentrião que, além da revista, coordenava a Colecção Setentrião (dirigida por António Cabral na Tipografia Minerva, do Seminário) em que vieram a lume oito obras, edições dos autores. Esta importantíssima parceria deu frutos ao longo de seis anos, pois terminou em 1968 com a publicação da Antologia de Carlos Loures que acabou nos calabouços da Pide tal como Félix Cucurull nos da Brigada maiorquina. Porém, tal como as flores cujo pólen se fixa longe dos locais onde nasceram e elas habilitaram de cores e perfumes, também os projectos do Movimento Setentrião vigoraram qual Fénix Renascida anos volvidos.

Importa recordar que Vila Real haverá de sentir orgulho desse tempo tanto mais que, enquanto os vários grupos acima citados se tresmalhavam e os seus trabalhos se perdiam no pó dos arquivos,

alguns dos tresmalhados juntavam-se a nós, na “provincia”. *Corrente calamo* lembro Casimiro de Brito, M.^a Teresa Horta, Rebelo Bonito, Lima Couto, M.^a Rosa Colaço, Serafim Ferreira, Máximo Lisboa, Egito Gonçalves, Lopes Graça, Ramos Rosa, Belmiro Guimarães, Paulo Pina, Nadir, etc. e de fora Ángel Crespo, Vega Jordán, Guillen Colon, Juan Malaret, Enrique Martinez, Fèlix Cucurull, etc. etc.

O Movimento abriu trilhos de dinamização cultural antes e depois do 25 de Abril. A Colecção Setentrião cumpriu os fins para que fora criada e, sufocado o “outono” marcelista, o Movimento ganhou outra rotação com o Núcleo Cultural de Vila Real, com a Revista Tellus, os Cadernos Culturais, o Nordeste Cultural, os Cadernos para o Degelo – 1976 e 1978 e outras actividades que perdurarão na memória dos transmontanos por acção e graça dos muito doutos dirigentes do Grémio Literário, o dr. Pires Cabral e Elísio Amaral Neves. É o que todos esperamos e já vem acontecendo desde há vários anos a esta parte. Bem hajam, a todos. Aos vivos, saúde e aos mortos, que a terra lhes seja leve e que os vivos os guardem na memória como é de obrigação.

Com a amizade do Baptista

Carta de José Dias Baptista dirigida a A. M. Pires Cabral e Elísio Amaral Neves, Abril de 2014.

A Juventude e o Mundo

Os problemas da Juventude foram muitas vezes estudados, discutidos, mas nunca com a atenção que merecem. Por isso, ainda estão por solucionar.

Os jovens de todo o mundo estarão em crise? Existirá essa «crise»? Será a nossa geração uma «geração perdida»? Não! E quando digo «Não!» creio em mim, eu que sou jovem.

É certo que graves problemas nos surgem e somos afectados por eles. Temos dúvidas e receios; períodos maus e de desespero. Mas, se uma sociedade é má, em quem, senão na juventude, se reflectem esses males?

Havemos de ficar indiferentes a uma sociedade em que se constroem foguetões para viagens interplanetárias e em que morrem crianças por falta de alimentação, onde existem estádios e palácios magníficos e muitas famílias vivem em barracões miseráveis?

Que fazer? Vão os nossos 17, 19 ou 21 anos modificar o mundo, ditar leis, implantar novos sistemas? Talvez, mas não agora. O resultado desta sociedade, cheia de vício, ódio, mentira e horrores são as atitudes apáticas e amorfas de muitos jovens que pensam nada poder fazer, esperando pela altura em que a terra estremeça e se abra ao meio...

Atitudes cépticas e desinteressadas surgem a apoiar o «existencialismo», tipo St. Germain des Prés, em que *na vida nada vale a pena*; aparecem nos grupos de «Tedy-Boys» da juventude transviada.

Mas tudo isto é resultado da pouca atenção que os homens dão à juventude. Reparem nos seus problemas, escutem a sua voz, ouçam as suas queixas. Verão que nós não somos apáticos nem amorfos!

Um convívio maior entre a gente moça, desenvolvimento das

aptidões literárias e artísticas, uma cultura moral e física sã, bem orientada, e, principalmente, fomentar os encontros, a camaradagem e o bom entendimento entre toda a juventude.

Com isto não se dariam os incidentes raciais em Little Rock; a delinquência juvenil no Brasil e tantos outros países: os bandos de rapazes que cometem os maiores crimes em New York, Chicago e na Escócia, influenciados pelas histórias em quadrinhos e pelos filmes «gangsters», o rapaz da rua em Paris, vivendo nas tabernas.

Jovem que me lê. Esta página é tua. Nela vais expor os problemas que te inquietam e todas as tuas tentativas literárias, em prosa e em verso. Escreve! Aqui encontrarás amigos que acolherão com prazer tudo quanto venha de ti.

Eduardo [Guerra] Carneiro, “A Juventude e o Mundo” (“Página de Jovens”, n.º 1) in *A Voz de Trás-os-Montes*, Vila Real, 26 de Abril de 1959, p. 6.

Memória descritiva: o Movimento Setentrião

Cheguei a Vila Real ao meio-dia de 28 de Dezembro de 1961. Partira de Lisboa na véspera com o António Barahona da Fonseca e a Luiza Neto Jorge, na altura casados. Ele ia ocupar o lugar de Encarregado de Biblioteca numa cidade a Norte, Bragança, salvo erro. Viajámos no carro da biblioteca itinerante dele, conduzido pelo respectivo motorista. O carro-biblioteca que me era destinado e que estava em Vila Real desde o dia 22, ardera completamente com o seu recheio de 5000 livros. Eu iria utilizar um carro velho que chegaria de Lisboa, antes da inauguração cuja data seria cumprida. A Gulbenkian encomendara já outro carro à Citroën.

Foi uma viagem agradável, mas interrompida no primeiro dia por um nevoeiro cerrado e depois por um forte nevão que nos obrigou a dormir em Castro Daire. O carro estava em rodagem – os 450 km que na época nos separavam da capital demoraram mais de 12 horas a percorrer. Chegámos cedo a Vila Real. Almoçámos, eles seguiram e eu fiquei numa cidade que não conhecia, mas que logo me fascinou. Resolvidos os assuntos mais urgentes, principalmente o de arranjar um quarto e ver as instalações da biblioteca, passei ao entardecer pelo burgo, aspirando, misturado com o ar frio, o delicioso odor da lenha queimada nas lareiras e fogões.

Nessa mesma noite, escrevi a minha mulher (tínhamos casado em Abril), fazendo-lhe o relatório – «A cidade é muito bonita e agradável, os cafés são bons (este era para mim, habitante de cafés, um requisito muito importante para que uma cidade fosse aceitável!) e há um cinema com três ou quatro sessões semanais. O frio suporta-se muito bem». Explorei minuciosamente a cidade que não era tão grande como agora. Depois de uma criteriosa

vistoria aos cafés do centro, logo adoptei a Pastelaria Gomes como gabinete de trabalho.

Passava ali as manhãs, lendo e escrevendo e as noites até a porta ser encerrada. Quando na noite de 31 de Dezembro para 1 de Janeiro de 1962, indiferente aos festejos que havia pela cidade, ao vir a pé para o local onde dormia, na Rua Nova, deparei na Avenida Carvalho Araújo, particularmente no perímetro do Governo Civil, com um forte dispositivo policial – guardas armados, uns com Mausers outros com pistolas-metralhadoras, equipados com os seus sinistros capacetes pretos.

Só no dia seguinte pela manhã tive a explicação ao comprar o Jornal de Notícias – Delgado entrara em Portugal clandestinamente para comandar uma revolta que deveria eclodir no Regimento Infantaria 3, em Beja. Como se sabe, o malogro dessa iniciativa levou à prisão de dezenas de militares e civis. Um deles, o então capitão Varela Gomes, que ficou gravemente ferido. Quando em 1965 fui preso pela PIDE, passada a fase dos interrogatórios, no recreio do Reduto Norte, passei pela janela do seu cárcere que ficava rente ao pátio e fiz-lhe um dissimulado gesto de saudação a que ele correspondeu. Anos mais tarde, trabalhámos ambos no mesmo grupo editorial e travámos uma relação amistosa.

No dia 2 de Janeiro, encontrei a Tipografia Minerva, que funcionava no Seminário, e fui lá pedir orçamento para a execução gráfica do meu livro *Arcano Solar*. O empregado que me atendeu, disse-me que teria de falar com o Sr. Padre António Cabral e a que horas ele lá estaria. E foi desse modo que conheci António Cabral. E depois, apresentados por ele, o Ascenso Gomes, o Eduardo Guerra Carneiro (o Amarelinho, como lhe chamava o Ascenso), Gonçálinho de Oliveira, e tantos outros.

O António Cabral, sendo um grande poeta, era ao mesmo tempo um homem com um grande sentido prático e, decorridas poucas conversas, à mesa da Gomes, na Toca da Raposa ou simplesmente

deambulando pela cidade, propôs-me que colaborasse na concretização do número duplo da revista quer com textos meus, quer utilizando o facto de eu conhecer numerosos escritores como o Manuel de Castro, Maria Rosa Colaço, o Félix Cucurull (convidei muitos outros, entre eles o Luiz Pacheco – por preguiça ou por atraso na entrega, nem todos corresponderam à minha solicitação).

No decurso da organização da revista, fizemos, no carro do António Cabral, diversas viagens ao Porto, onde contactávamos com gente das Notícias do Bloqueio, a maior parte da qual eu já conhecia, pois em 1959 ali estivera promovendo a «Pirâmide», amigos como o Egito Gonçalves, o Rebordão Navarro, o Papiniano Carlos, o Luís Veiga Leitão e Jaime Isidoro da galeria Dominguez Alvarez. Numa dessas incursões, estivemos no ateliê do Nuno Barreto. Noutra ou na mesma, já não me recordo, falámos com o Nadir Afonso.

A chegada de António Barreto e de Eurico Figueiredo, ambos ligados ao movimento do Setentrião e acabados de sair da prisão (tinham sido presos na sequência das comemorações do Dia do Estudante), foi um acontecimento. Demos várias voltas à Avenida Carvalho Araújo, contando-nos eles o que lhes tinha acontecido. Pela primeira vez ouvi falar nas «gavetas» de Caxias e nos «curros» do Aljube, da tortura do sono... Mas como a experiência é a madre de todas as cousas, passados três anos eu estava a aprender por minha conta todas esses saberes, voltando depois para um segundo semestre lectivo em 1968. A crise de 1962, surgida da luta que começara em 1958 com o terramoto Delgado, só terminaria em 25 de Abril de 1974.

[...]

Carlos Loures, “Memória descritiva: o Movimento Setentrião” in blog *Aventar*, 13 de Janeiro de 2010.

NEO-REGIONALISMO

Neo-regionalismo pode ser o nome dum movimento artístico que tem de impor-se no nosso país. Muito conseguiu e irá conseguindo o neo-realismo; mas é preciso que todos nos convençamos de que as estruturas humano-telúricas do nosso meio rural não devem ser examinadas, tantas vezes, a uma luz citadina. O escritor que vive numa grande cidade e não saiba despojar-se do seu ambiente normal, tem inúmeras dificuldades a vencer quando vem até nós. Ora essas dificuldades nem sempre foram vencidas. Urge olhar as coisas *de dentro* e não *de fora*. De resto, os grandes problemas para o autêntico neo-realista – aquele que não quer estagnar – situam-se, hoje, muito mais, fora das grandes cidades. Insistir em silêncios, medos, tensões etc. será, até certo ponto, uma maneira de disfarçar a mais urgente face do real.

O *neo-regionalismo* tratará os seus temas experimentalmente, sem menosprezar as mais válidas conquistas da arte, no que se refere aos elementos expressionais. E interessar-se-á sobremaneira por *comunicar com todos* – incluindo os menos cultos. Daí, uma necessária transigência com certos tipos clássicos de expressão. Para elevar o povo, como tem sido desejado, é preciso antes de mais, saber descer até ele. Não se segue que o *neo-regionalismo*, assim entendido, repudie os métodos neo-realistas. Muito ao invés, arranca deles, como é fácil de verificar, e tenta apenas completá-los no meio que lhe é específico. Este meio é o campo e a sua vida; a arte a realizar, *transcendendo o simplismo dos naturalistas*, implicará uma tomada de consciência, uma consciência honesta e viva, que postule a acção se for necessário. Não se limitará, deste modo, à projecção da obra artística, já que a *universalidade em arte*

exige verdade e esta encontrar-se-á quando se encontrar o homem devidamente situado nas circunstâncias que o determinam. Uma coisa é o regionalismo de baladas e paisagens policrómicas; outra é o *neo-regionalismo* que, na consciência lúcida e vigilante, na procura da verdade, no amor ao homem e à terra que o limita, baseará toda a sua razão de ser.

Pelo que fica exposto, a colecção «Setentrião», tem uma difícilíssima missão a cumprir. E não a cumprirá bem, dada a penúria de valores artísticos e literários no meio transmontano-duriense. Mas sigam o nosso exemplo os escritores e artistas responsáveis das outras províncias. E que nos desculpem a ambição.

António Cabral, “Neo-regionalismo” in *Colecção Setentrião/Documentos, Notas e Notícias*, Folha n.º 1, Vila Real, Janeiro de 1964.

